

JORNAL DO LEITOR

PARA PARTICIPAR: ENVIE SEU TEXTO PARA JORNALDOLEITOR@OPOVO.COM.BR OU LIGUE PARA 3255 6088

Os textos deverão ter no máximo 1850 caracteres (com espaços) – com nome completo, endereço, telefone, e RG do remetente, que se responsabilizará pelo conteúdo. Os textos poderão ser resumidos, e O POVO se reserva no direito de selecioná-los para publicação.

Partidos políticos da época

Maria José Holanda
dedemonteholanda@yahoo.com.br

Os partidos políticos que disputavam eleições nos anos anteriores à intervenção militar de 64, em Redenção e Acarape eram o PSD (Partido Social Democrata) e UDN (União Social Democrata). Seus respectivos representantes, deputados estaduais, eram Edísio Meira Tejo e Antônio de Castro. Como Acarape ainda pertencia ao município de Redenção, a disputa era acirrada entre os dois. E as torcidas eram calorosas e provocadoras durante o período eleitoral. Os concorrentes se empenhavam na campanha com suas posturas de candidatos em comícios e contatos direto com o eleitor, mas os gastos eleitoreiros eram poucos. Não havia dinheiro público envolvido e nem mantenedores financeiros de candidaturas.

Em 1963, um grupo composto por Brumilo Jacó, Odmar de Castro, Odorico Pessoa Monte, Chico Noé, e outros representantes locais, trabalharam junto ao povo, e conseguiram a emancipação de Acarape, o que foi revogado logo em seguida pelo poder político de 1964. Os acarapenses nem chegaram a comemorar, mas os redencenses sim. Acarape continuava distrito de Redenção.

Anos depois tivemos uma forte liderança regional, deputado Antônio Jacó, que foi prefeito de Redenção. Junto ao irmão Ernani Jacó, esse, posteriormente também prefeito de Redenção, trabalharam para a emancipação de Acarape em concordância com o desejo da população, pois ambos são filhos de Acarape. A emancipação definitiva se deu em 15 de abril de 1987. Por décadas, Antônio Jacó foi o representante político da região, sempre querido e atencioso com todos os conterrâneos que o procuravam. Acarape teve seu primeiro prefeito eleito pelo povo em 15 de novembro de 1988 na pessoa de Flávio Chagas Bonfim Júnior e como vice Francisco Kerres Olivier de Albuquerque, ambos legítimos acarapenses.

Hoje Acarape e Redenção vivem outra realidade. Ambos apresentam candidatos de natureza diversa, alguns não filhos da região, enfim, sinais da política atual: moderna, porém, favorecida por um combinado entre vários partidos que se unem e apresentam seus candidatos. Nessa composição os interesses se diversificam, como acontece em âmbito nacional.

Trump, big techs e o cerco à ciência

Carlos Eduardo de Sousa Praxedes
csousa@aluno.fiocruz.br

— Você viu a nova ordem? Cientistas agora precisam de autorização até para apresentar pesquisas.

— Sim, e temo perder meu financiamento para estudos sobre clima e saúde pública.

— Estamos voltando à Idade Média?

— Não. Estamos na era Trump.

Esse tipo de conversa se tornou comum entre pesquisadores desde a posse de Trump. O novo governo já sinalizou um ataque sistemático à ciência: censura, intimidação e bloqueio de pesquisas que não se alinham à sua agenda ideológica.

Como pesquisador em doutorado sanduíche na Europa, percebo que essa apreensão vai além dos EUA. Em laboratórios, salas de aula e congressos, como o que participei na Universidade de Barcelona, a grande preocupação era o impacto do imperialismo americano na ciência do Sul

Global e o risco de que esse cerceamento se espalhe, comprometendo colaborações e autonomia científica.

Enquanto isso, as big techs lucraram com a polarização. Algoritmos escondem conteúdos científicos, espalham teorias conspiratórias se espalham livremente, transformando a desinformação em arma política contra políticas públicas pautadas em evidências.

O negacionismo não é só divergência. Ele enfraquece sociedades e ameaça vidas. Durante a pandemia, vimos a ciência ser atacada com consequências devastadoras. Agora, enfrentamos mais uma onda de retrocessos que pode retardar avanços essenciais. Como pesquisador, não posso aceitar que ideologias sufiquem a ciência. Defendê-la é um compromisso coletivo que precisa ser travado antes que seja tarde demais.

O POVO EDUCAÇÃO

ESTE ESPAÇO É DESTINADO AOS TEXTOS DOS ALUNOS DE ESCOLAS PÚBLICAS, PARTICULARES E REPÓRTERES CUCA PARTICIPANTES DO PROJETO CORRESPONDENTE O POVO

Importante!

Ana Andrade
Ex-Correspondente O POVO

Demorei uns bons (longos) anos para me entender como escritora.

Uns bons (longos) anos demorei para me entender como revisora textual.

Demorou muito para entender que o que eu faço, tanto escrevendo quanto revisando, não é pouco, exige esforço, comprometimento e entrega, não é um grande copia e cola, muito pelo contrário, cria daqui, apaga dali, recria, junta, separa.

A real, é que sempre temos que nos identificar como x ou y, se não parece que não pertencemos, não existimos, procede ou estou biruleibe demais?!

“Ah, mas com a ascensão das IAs escritores, criadores no geral, serão varridos da mente, cairão no esquecimento”. Essa afirmação não me causa medo, sabemos bem que para cada avanço tecnológico, há uma regressão em sentimentalidades como um todo. A meu ver, tecnologia = crescimento/avanço sempre foi UMA GRANDE contradição, mas bem, voltando.

Demorei tempos para vestir a roupa que me comporta perfeitamente, vestimenta essa que de longe não é a que imaginei um dia. A gente se apropria, e isso é tão bom, e não menos: IMPORTANTE!

Girassol

Guilherme Camilo
Ex-Correspondente O POVO

Mais um dia comum em minha vida, voltando para casa, no caminho noto uma paisagem diferente, em uma das casas, um Girassol, bem florido e bem exposto.

Girassol, a flor que te dei em um de nossos aniversários de namoro. Sua flor favorita. Te dei por isso, e porque lembrava os seus cabelos, loiros e ondulados. Que eu ficava horas acariciando.

Muito tempo se passou disso, faz bastante tempo que não te vejo, nem sei se sua música favorita é ainda aquela do Lô Borges, ou se seu prato favorito ainda é macarronada.

Mesmo depois desse tempo todo, eu só consigo lembrar de você ao ver aquele tornassol. E percebo, que ainda existe um carinho imenso por ti, mesmo depois de tudo.



CARLUS CAMPOS

Eu te admirei por isso me apaixonei

Outro Luan
Ex-Correspondente O POVO

Sentada na mesa observava o jeito especial dele em atender. A astúcia em conversar com clientes mais bêbados e chatos. A forma como se movimentava, parecia uma dança coreografada no qual servia e desviava na hora exata. O zelo em manter as mesas limpas sempre que os clientes saíam.

A maestria quando servia

as mesas enquanto anotava o próximo pedido. O sorriso e brilho no olhar quando vinha na minha mesa. Eram 22h e nada entregava que ele já tinha acabado de sair de um turno de oito horas de um supermercado. A dedicação e determinação eram admiráveis, não só atendendo naquele bar como em tudo que ele fazia. Com toda aquela admiração, nasceu uma paixão, paixão essa que deveria ser proibida.

Vida de velejante

Isabele Peixoto
Ex-Correspondente O POVO

Velejando nessa vida,
Em um mar de incertezas,
Sem saber do amanhã.
Velejando nessa vida,
Vou vivendo o agora;
Sorrindo para o caos eu vou.
Velejando nessa vida,
Me perguntando até quando
nações serão enganadas
Por uma lábria perversa.
Velejando nessa vida questiono

a Hipocrisia de quem prega o amor e Espalha a dor.
Velejando nessa vida enfrento a ventania de Desinformação e a tempestade de corrupção.
Velejando, pergunto: “Até quando, meu deus, até quando”.
Mas é velejando nessa vida como Eterna aprendiz, peregrina passageira,
Encontro paz em meio ao caos naquele que antes de tudo,
Me amou.

Pizza

Anahí Gabriella
Ex-Correspondente O POVO

É quarta-feira, amor.

Amanheceu e eu não senti o seu sabor, não ouvi a sua voz. A cama está vazia sem você, só há o meu corpo nu e a sua ausência em evidência. Não há notícias suas e o vácuo é ensurdecedor.

O pisca-pisca azul ilumina superficialmente o quarto que parece enorme sem você. Ajustei as coisas, mudei algumas de lugar, arrumei a bagunça para você vir e ficar, mas não veio, não pôde. A música melancólica me descreve, o oxigênio pesa e eu não sei onde está, como está, se devo ou não me preocupar.

Eu sei em quem você pensa enquanto me beija, como soube que estava decorando os meus traços e toques para a despedida. Eu sei que o meu afago é quente e que os meus braços são morada, mas sei que há muito em torno do que chamamos de nós. Eu sei que você não quer ir, mas também sei que não pode vir.

O vinho da geladeira não me embriagou como você, a pizza comprada por ser o que gosta não matou a minha fome de ti. O hidratante para a sua pele não aliviou a vontade das minhas mãos em você.

A noite findou e eu acabei sozinha com as suas incertezas que são mais certas do que a sua vinda, com o coração tão acabado quanto as mãos que te buscam. Mas eu soube, acabou. E é isso o que machuca. É com isso que eu preciso me acostumar.

Há muito o que ser dito, mas nada que eu queira dizer.

Calvário da alvorada

Cícero Viana Neto
Estudante

O Sol poente que nasce em mim
Reluz no oriente as mágoas do ocidente
Nessa luta sem fim
E após o brumário, logo vem o Sagitário
Desabrochar o Jasmim
Me levando para o romário
Nessa revolução carmesim
E ao longo dessa jornada
Espero minha florada
No primaveril da alvorada.